

SIMPÓSIO AT036

VOZES SILENCIADAS E INVISIBILIDADE SOCIAL: REFLEXÃO ACERCA DAS REPERCUSSÕES DA VIOLÊNCIA SOBRE O SUJEITO SUBALTERNO NO CONTO NAÇÃO ZUMBI, DE MARCELINO FREIRE.

VIANA, Thailma Thársila de Souza
Graduanda em Letras (IFCE) – Campus Tauá.
Integrante do Núcleo de Estudos em Cultura e Arte (NECA/IFCE Tauá).
tharsilasouzasv@gmail.com

RICARTE, Joana Bezerra
Graduanda em Letras (IFCE) – Campus Tauá.
Integrante do Núcleo de Estudos em Cultura e Arte (NECA/IFCE Tauá).
joana_ricarde@outlook.com

SOUZA, Auricélio Ferreira de
(Orientador)
Prof. do (IFCE). Doutor em Literatura e Interculturalidade
Coordenador do Núcleo de Estudos em Cultura e Arte (NECA/IFCE Tauá).
auricelioferreirasouza@gmail.com

Resumo: Esta proposta tem por objetivo abordar as vozes marginais que são potencializadas na obra Contos Negreiros. Expressão da obscuridade vivenciada por homens e mulheres, negros e índios e seu cotidiano numa estrutura de dominação e silenciamento. As narrativas tratam de temas como racismo, tráfico de órgãos, miséria e violência, resgatam a experiência de sujeitados e suas percepções sobre as questões que lhes atravessam. Este estudo volta-se para o conto Nação Zumbi, cujo a temática é o tráfico internacional de órgãos: um negro, pobre é pego pela polícia no exato momento de comercialização do próprio rim. Na desestabilização desta cena a frase: “O rim é meu ou não é?”, é constantemente repetida pelo narrador levantando uma discursão sobre invisibilidade do sujeito na sociedade e a conseqüente corrupção dos direitos individuais. Atônica narrativa transcende perceptivelmente a noção de violência simbólica e física praticada pelo Estado. A finalização da situação por meio de ações ao personagem pelo Estado demonstra a lógica da reprodução contínua de uma estrutura que revela o modus do dominante e do dominado.

Metodologia empreendida: leitura e análise estrutural do conto, partindo-se das falas das personagens e, no interior destas, identificando-se a voz, condição fundamental à categoria de sujeito social. Nessa análise busca-se compreender as implicações trazidas pelas opções estilísticas presentes no processo de escrita desse autor: a síntese, a economia de recursos e, sobretudo, o foco na oralização.

Para tanto, é necessário recorrer a contribuições teóricas como o conceito de violência simbólica, de Pierre Bourdieu (1975, 2002, 2003) e desdobramentos deste na cena contemporânea dos grandes centros urbanos. A reflexão trazida pela Crítica Pós-Colonial e o ângulo de olhar que nos fornece para o sujeito marginalizado e suas subjetivações. Também aí, a psicologia social de Serge Moscovici (2003) e a proposta de minorias ativas e seu impacto dentro da Teoria da Representação Social.

Palavras-chaves: violência simbólica, Estado, estrutura, subalterno.

Abstract: This proposal aims to address the marginal voices that are potentiated in the work *Tales of the Negroes*. Expression of the obscurity experienced by men and women, blacks and Indians and their daily lives in a structure of domination and silence. The narratives deal with themes such as racism, organ trafficking, misery, and violence, rescuing the experience of subjects and their perceptions of the issues that cross them. This study turns to the tale *Nação Zumbi*, whose theme is the international traffic of organs: a black, poor man is caught by the police at the exact moment of commercialization of his own kidney. In the destabilization of this scene, the phrase: "Is the kidney mine or not?" is constantly repeated by the narrator, raising a discourse on the invisibility of the subject in society and the consequent corruption of individual rights. The atonic narrative transcends perceptibly the notion of symbolic and physical violence practiced by the State. The finalization of the situation by means of associations with the character by the State demonstrates the logic of the continuous reproduction of a structure that reveals the modus of the dominant and the dominated. The methodology: reading and structural analysis of the story, starting from the speeches of the characters and, within them, identifying the voice, a fundamental condition for the category of the social subject. In this analysis, it is sought to understand the implications brought by the stylistic options present in the process of writing of this author: the synthesis, the economy of resources and, above all, the focus on oralization.

Therefore, it is necessary to resort to theoretical contributions such as the concept of symbolic violence, by Pierre Bourdieu (1975, 2002, 2003) and its unfolding in the contemporary scene of large urban centers. The reflection brought by the Post-Colonial Criticism and the angle of view that provides us to the marginalized subject and his subjectivations. Also, there, the social psychology of Serge Moscovici (2003) and the proposal of active minorities and their impact within the Theory of Social Representation.

Keywords: symbolic violence, state, structure, subaltern

Contos Negreiros, obra escrita por Marcelino Freire (Record, 2005, *Prêmio Jabuti* 2006), constitui-se de dezesseis contos bastante sintéticos, entre eles, *Nação Zumbi*. Este é o sétimo conto, integra o grupo de histórias que transcorrem sobre um cenário de miséria e violência. O enredo, econômico em descrições (a exemplo de todos os outros do livro), consiste no relato em primeira pessoa de um homem (sem nome manifesto), mais adiante, revelado como preto, pobre e periférico, que é flagrado ao tentar consumir a venda de um rim num complexo esquema do mercado de órgãos. Assim, o flagrante da ação e a consequente prisão do protagonista, é o motor da narrativa, que se dá integralmente por meio de gritos, interrogações, interjeições e exaltações dos ânimos.

A frase "E o rim não meu?" (p.53), abrindo o conto e reincidentemente enunciada é o mote que dá início a trama e demonstrar a revolta do

personagem ao questionar a posse de seu próprio órgão ao longo de toda história. A razão desse questionamento surge com a possibilidade de ganho financeiro que fora retirada. O malogro da situação que, mesmo violenta (a venda de um pedaço do corpo), supriria a sua situação de carência material. Essa atmosfera de revolta e frustração é exposta em “*Logo eu que ia ganhar dez mil, ia ganhar*” (p.53)

A estrutura deste livro como um todo está colocada em um nível de grande informalidade linguística, aliás, podemos mesmo dizer que os contos são na verdade, registros de marcas de oralidade. É nesse sentido que, particularmente sobre o conto em questão, Souza (2014, p. 65) afirma:

O canto VII, *Nação Zumbi*, reitera o percurso de oralização da narrativa (...) e o faz por meio da presença constante (e cortante) da interpelação. Trata-se de uma história onde, mais que o relato em si, temos questionamentos sobre as viabilidades e inviabilidades da própria história. Há vinte e cinco perguntas dispostas ao longo dos nove parágrafos que compõem o texto. Todas elas direcionadas a um interlocutor literalmente chamado a participar do relato, por meio de efeitos de vocativos como: “*hein, companheiro?*”, “*meu irmão*” ou outras formulações que, à luz da função fática, põem em teste canal e receptor. É, por assim dizer, um relato participante em gradação.

Este aspecto em particular no processo de escrita de Marcelino Freire, dá ao seus contos e, com destaque para este, a atmosfera de um fluxo presente, algo que se pode perceber e sentir no próprio momento em que se diz. Isso ocorre porque

(...) Quando Freire constrói contos marcados pela oralidade suburbana ou regionalista e recorre à ausência de pontuação para provocar o efeito de veracidade na narração em primeira pessoa, ele consegue aproximar cada texto do que seria a descrição das falas de pessoas comuns da sociedade.

A inserção de elementos da oralidade na literatura escrita representa não apenas respeito a uma variedade linguística, mas um modo de pensar e de se expressar com um acentuado tom dialógico e, sobretudo, coletivo. É importante lembrar que a comunicação oral se dá *in praesentia* ao contrário da escrita em que a individualidade é mais facilmente sentida. Assim, a ênfase nos aspectos orais, além de contribuir para identificar melhor a personagem, vai situá-la como um sujeito social, pois não se trata de uma voz isolada: é um sujeito que se constitui pelo embate de ideias. (FERRAZ, 2009, p.33)

E é pela fala da personagem, indignada e transgressora que se pode sentir no conto, diferentes dimensões da violência que se opera sobre a classe

marginalizada à qual ele pertence. Assim, fortemente impulsionado por este aspecto, esse enredo se dá numa tônica de tensão crescente. Dessa fala interrogativa inicial vemos toda uma complexificação do quadro de miséria, abandono e subalternização em que o sujeito falante está imerso. Daí, progressivamente irmos adentrando nessa atmosfera e, pouco a pouco compreendendo a dramática e violenta face desse modo de vida e resitência no espaço urbano e periférico. Exemplo disso, é o relato do próprio personagem, na fala:

O esquema é bacana. Os caras chegam aqui e levam a gente pra Luanda ou Pretória. No maior conforto e na maior glória. Puta oportunidade só uma vez na vida, quando agora? Dar um pulinho na cidade de Nampula? Quem sabe, tirar fotografia? Abraçar outro negrão igual a mim, conversar noutra língua mesmo sem saber conversar? (p.53)

Note-se que apesar do trecho se referir a um esquema de venda de órgãos (já em si violento), há incutida nessa fala a consciente vontade de, por meio desta contravenção, burlar o sistema e, mesmo em face de todos os riscos implicados na situação, acessar as condições possíveis de superar a miséria material na qual vive imerso.

A problematização reside, pois nesse fato: ao subalterno é dado o direito de dispor de si? Do seu corpo? De sua materialidade? Se igualmente o corpo e o trabalho material são o instrumento do qual historicamente dispõe os subalternos para agir no mundo regido pela estratificação social, que outros meios materiais ele dispõe para prover, além de sua mínima subsistência (o material), também a sua subjetividade? *“Meu sonho não foi sempre o de voar, feito um Orixá? Por meus pés em cabine de avião.”* (p.54) Percebe-se, pois, que o ato interrompido repercute na personagem mais que o sentimento de frustração, é mais uma das muitas esferas de violação e anulação ao qual está submetido: *“Diz aí, meu irmão, minha asa quem mandou cortar?”* (p.54).

Daí que, num exercício de linguagem, a narrativa se sustenta na frequente enunciação de expressões de revolta, frustração, mas também, resistência: *“Que merda!”*, *“Por que não cuidam eles deles, ora essa?”* (p.54). Mais que escrúpulos, o discurso da personagem trabalha no sentido de revelar

toda a gama de injustiças, violações e negligências que, cotidiana e silenciosamente agem sobre os que vivem na margem. A questão que essa voz coloca é sempre a de labuta pela imediata sobrevivência dentro do jogo social hostil e desigual: “*Se é pra livrar minha barriga da miséria até cego eu ficaria*” (p.54).

Podemos dizer que a própria estrutura do conto, com o seu tecido de frases interpelativas, já é o próprio ritmo dessa constante labuta manifesta pela fala da personagem. Perceba-se isso no fato de que

(...) neste conto, o início do relato já é uma pergunta, seguida por uma sequência de sentenças freneticamente conectadas umas às outras como que uma ladainha, efeito somente possíveis no plano da fala “aperreada”, indignada e ainda entrecortada pelo calor do vivido, de um intento que, só a partir do segundo parágrafo, começa a ser revelado ao leitor, mas que já é possível ser inferido a partir da primeira frase do texto. (SOUZA, 2014, p. 65)

E essa labuta é negação e resistência, pois o excluído não enxerga nas ações do estado a legitimidade que o conduza à superação de sua carência material. Daí que, apelando para a contravenção, para o crime e a violência, busca nesses meios uma espécie de mecanismo para a visibilidade de si e suas necessidades materiais, mas também subjetivas.

(...) A exclusão social envolve o indivíduo num manto de invisibilidade, ora gerado pelo preconceito, ora gerado pela indiferença. A violência é uma das vias possíveis para se livrar desta invisibilidade, bem como o questionamento do sistema social. (FERRAZ, 2009, p.31)

Nessa direção, não apenas a própria situação do personagem que nos fala como também a das pessoas que compõem o cenário em que vive são prontamente acessadas na narrativa de modo a corroborar para a degradação geral desse espaço e dos modos de vida que nele se inserem:

Por que vocês não se preocupam com os meninos aí, soltos na rua? Tanta criança morta e inteirinha, desperdiçada em tudo que é esquina. Tanta córnea e tanta espinha. Por que não se aproveita nada no Brasil, ora bosta? Viu? Aqui se mata mais que na Etiópia, à míngua. Meu rim ia salvar uma vida, não ia salvar? Diz, não ia salvar? Perdi dez mil, e agora? (p.55).

Ao questionar a atitude da autoridade policial, que o prende e frustra, a fala expressa consciência sobre o paradoxo da situação: a ação de um Estado

que age violentamente para impedir delitos (sempre atribuídos ao subalterno), ao passo que mantém intactas mazelas antigas e amplamente conhecidas, como a falta de serviços básicos (saneamento, educação, moradia, saúde etc), as quais, agindo forte e frequentemente sobre a parcela excluída do progresso urbano, a marginaliza, comprime e, conseqüentemente, favorece a adesão ao crime, à contravenção e às formas diversas de violência.

E, mais uma vez, é somente por meio da burla, da contravenção e da quebra das medidas injustamente colocadas sobre a estratificação social que essa voz parece enxergar possibilidade de superação da deficiência material que se impõe como marca sobre os marginlaizados:

Dizem que é bonito o hospital de lá. Bom de se internar. De se recuperar. Livre comércio de rim, sim. Isso mesmo, o que é que há? Meu sonho não foi sempre o de voar, feito um Orixá? Pôr meus pés em cabine de avião. Diz aí, meu irmão, minha asa quem mandou cortar? Quando irei sorrir quando a nuvem me pegar? Ver o chão lá de cima? Recife comendo as beiradas de Olinda. De longe, as pedras de Itamaracá. (p.54).

Igualmente sobre a ação do aparelho repressor do estado, a personagem manifesta em sua fala o que parece ser a consciência sobre a dimensão falaciosa desse Estado, que privilegia o castigo e a repressão, em detrimento da possibilidade de amparo e construção de vias reais para superação da miséria, a qual, por sua vez, progressivamente intensificada submete uma parcela dos indivíduos marginalizados a um modo de vida degradante:

Por que não cuidam eles deles, ora essa? O rim é meu ou não é? Até um pé eu venderia e de muleta eu viveria. Na minha. Um olho enxerga pelos dois ou não enxerga? Se é pra livrar minha barriga da miséria, até cego eu ficaria. Depois eu ia ali na ponte, ao meio-dia, ganhar mais dinheiro. Diria que foi um acidente, que esses buracos apareceram de repente, em cima do meu nariz. Quem quer ver a agonia de um doente, assim, infeliz, hein, companheiro?

Fácil é denunciar, cagar regra e caguetar. O que é que tem? O rim não é meu, bando de filho da puta? Cuidar da minha saúde ninguém cuida. Se não fosse eu mesmo me alimentar. Arranjar batata e caruá, pirão de caranguejo. Não tenho medo de cara feia, não tenho medo. (p.54-55).

Entendendo este conto como um microcosmo dentro de um universo maior que é o livro *Contos Negreiros*, podemos afirmar que de modo geral, a obra de Marcelino Freire tem funcionado como um acoplado de denúncias

socias. Mesmo sustentada em narrativas muito curtas até para o conto tradicional (nenhum dos contos do livro tem mais que duas páginas) essa contística aguça o olhar sobre os embates contemporâneos postos na superfície da nossa sociedade, suas razões e repercussões mais agudas na zona dos marginalizados.

E, em *Nação Zumbi*, a frustração do ato, embora opere, pelo poder da polícia, mais uma violência sobre o sujeito, seu corpo e suas subjetividades, curiosamente não o silencia, ao contrário o faz gritar contra a compressão e o anulamento: “*O que é que tem? O rim não é meu, bando de filho da puta?*” e faz isso

Para por último, ratificar o lugar da margem como zona de rechaça, repressão e anulamento das individualidades, inclusive, do próprio corpo: “[...] *A polícia em minha porta, vindo pra cima de mim. Puta que pariu, que sufoco! De inveja, sei que vão encher meu pobre rim de soco*”. (SOUZA, 2014, p. 67 – grifos no original)

E, mesmo essa ultima fala que fecha o conto, é ainda denúncia. É resitência.

No conto em questão, as próprias palavras usadas para nomeá-lo despertam interesse quanto ao seu significado. O substantivo *nação* indica um grupo de pessoas pertencentes ao mesmo território e que integram a mesma cultura, enquanto o adjetivo *zumbi* tem sua origem no termo africano *nzumbe* que significava um ser doente. Com o passar das épocas, *zumbi* passou a ser usado como sinônimo da mítica de um ser humano morto e sem alma que vaga pela terra.

Considerando que os contos se referem ao cenário brasileiro e o contexto histórico que o formou, podemos inferir que a metáfora tecida com as palavras no título do conto recái como caracterizador da população negra, urbana e periférica. *Nzumbe*, *zumbi*, posto que doente, adoecida, desprezada e tangida às zonas e condições mórbidas já desde ontem (povos escravizados no Brasil), mas também ainda no hoje (os habitantes da periferia, de pele escura e inequívocos alvos do aparelho repressor do estado).

Zumbi, contudo, não esqueçamos é também o nome de uma figura marcante na história do país: Zumbi do Palmares. O uso da palavra

relembrando o indivíduo que lutou contra a estrutura escravocrata e tornou-se símbolo desse período abriga também a intencionalidade de introduzir fortemente a temática da escravidão ao conto e, também, da força de resistência. Labuta, produtividade que se marca pela constância das falas dessa e das outras personagens do livro.

Referências bibliográficas

FERRAZ, Flávia Heloísa Unbehaum. ***Marginalidade, violência e testemunho nos contos de Marcelino Freire***. 2009, 48 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira) - Universidade Estadual de Londrina. Curso de Especialização em Literatura Brasileira, 2009.

FREIRE, Marcelino. **Contos Negreiros**. 4. ed, Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, Auricélio Ferreira de. ***A verve do marginal em Marcelino Freire: um estudo da performance de voz subalterna na versão áudiolivro da obra Contos Negreiros***. 2014. 148f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campina Grande – PB, 2014.